

5º SIMPÓSIO IMAGEM E IDENTIDADE E TERRITÓRIO | MACEIÓ | 28, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT

“MINAR, ESCAVAR, PERTURBAR E SUBVERTER”: A CENA INSTABILIZADORA E O MASCULINO CORAL

Duda Woyda¹

Djalma Thürler²

“no soy un académico profesional, más bien mi tránsito es el del escritor traficante (de saberes minoritarios, prácticas culturales al margen y políticas bastardas), un manipulador de lecturas, un onanista estético que comulga con el callejeo residual de sus propios deseos y el de los otros(as)” (SUTHERLAND, 2009, p. 72).

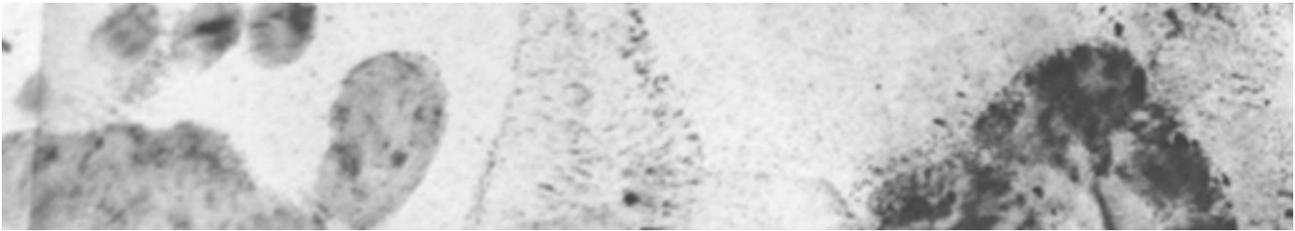
Temos aprendido que o mundo é uma ficção. Talvez com Katryn Woodward (2009), que nos alertou que as identidades sociais podem ser definidas como um conjunto de representações que os indivíduos atribuem a si mesmos a fim de comunicar aos demais a quais estratos sociais supostamente pertencem. Em outras palavras, que as identidades sociais podem ser compreendidas como os discursos produzidos por um indivíduo sobre si mesmo, ou sobre o seu grupo, a partir de um conjunto determinado de referências culturais, que servem para orientar a forma como os "outros" podem, ou devem, interagir com ele. Ou seja, sonha o rei que é rei, e segue com esse engano mandando, resolvendo e governando, como pensou Calderón de la Barca.

E foi assim, criando pontes entre a Teoria e a Arte, que esse anteprojeto foi reescrito em seus eixos estruturantes, mas, sobretudo, a descoberta de seu viés político. O momento epifânico foi o trabalho que desenvolvemos no espetáculo teatral *O diário de Genet*³, não apenas a criação de sua *mise-se-scène*, mas sua evidente aderência aos movimentos políticos das décadas de 60 e 70, sejam aos movimentos feministas, gays e de lésbicas, sejam aos legados políticos do Teatro de Arena e do Oficina, capitaneados, respectivamente, por Boal e Zé Celso. Com eles, a partir deles, percebemos a chance de contribuir para o enfrentamento social

¹ Ator da ATeliê voadOR e Mestre em Cultura e Sociedade.

² Diretor artístico da ATeliê voadOR e Professor da UFBA.

³ “O diário de Genet” estreou em Curitiba em 2013.



e, de forma pontual, enfatizar através do teatro, a masculinidade como uma construção identitária e herança colonial das mais perversas.

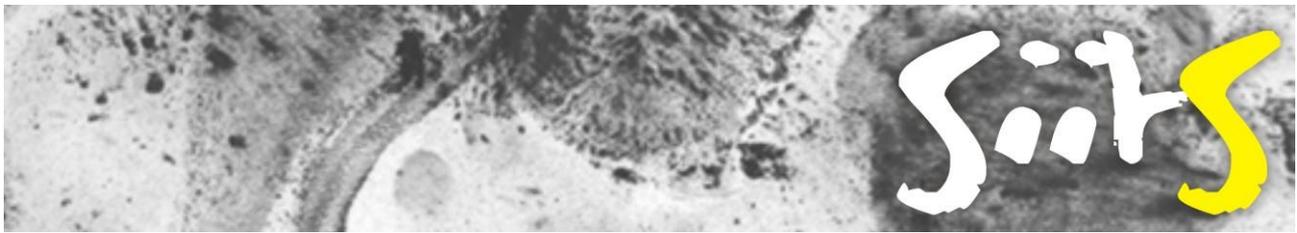
Se acreditamos que a masculinidade é uma construção social – e nós acreditamos! –, isso significa reconhecê-la como conhecimento, e como todo conhecimento, é erigido no tempo, com certas hipóteses, contingências e interesses. É um registro tecido cotidianamente entre posições dissonantes. Portanto, o problema da masculinidade está, sim, posto nos corpos, mas, também e, sobretudo, está nas contingências históricas que produziram as qualidades que reconhecemos como masculinas.

Outro aspecto relevante que nos é muito caro, está na crítica da Teoria Queer à política baseada em conceitos identitários que concebe a identidade como uma construção social. A crítica *queer* enfatiza a possibilidade do trânsito livre entre as fronteiras da identidade, a possibilidade de cruzamentos destas fronteiras. Ela quer ir além da hipótese da construção social da identidade. Isto é, quer ressaltar o fato de que a significação da identidade de gênero e sexual não ficam contidas pelos processos discursivos que buscam fixá-las.

Numa entrevista à revista TPM, de 10 de julho de 2012, Laerte disse que é “uma mulher em experiência” e essa noção é importante a esse projeto porque o que nos interessa, quando falamos de gêneros, e apoiados em autoras como Preciado e Butler, é exatamente marcar que somos todos, homens e mulheres em experiência.

A partir desse entendimento, a figura da masculinidade hegemônica, performatizada na figura do provedor, chefe de família, heterossexual, forte e que não expressa suas emoções, na contemporaneidade, se contrasta com outro modelo, ou um não-modelo, um homem moderno, aberto e disposto a experimentar novas formas de vivenciar sua masculinidade. Nesta perspectiva, nesse *deslizamento constante*, junto com Canclini (2012), interessa-nos investigar quais são os novos traços identitários de gênero e orientação sexual, as variadas facetas, as insuspeitadas possibilidades de arranjo sexual das personagens e recuperá-las através do teatro, da cena contemporânea, a partir da encenação do espetáculo teatral *Coral: uma etno(cena)grafia*.

Desde algumas décadas, estamos sendo todos sacudidos por “saberes sujeitados”, como disse Foucault (1999, p. 11). Saberes que, segundo ele, ou foram sepultados e mascarados nas sistematizações formais ou eram tidos como “insuficientemente elaborados”, “ingênuos”, “hierarquicamente inferiores”. Dos movimentos empreendidos por feministas, gays, lésbicas, negros e negras, ou por sujeitos e grupos que rejeitam rótulos e títulos tem emergido questões, práticas, experiências que ousam subverter modos de vida



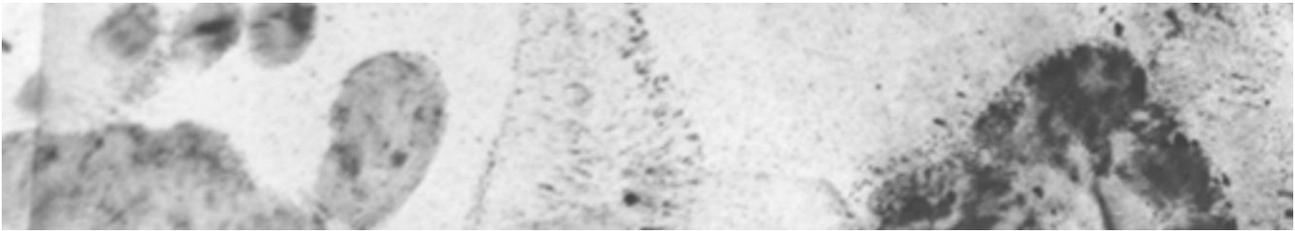
5º SIMPÓSIO IMAGEM E IDENTIDADE E TERRITÓRIO | MACEIÓ | 28, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT

e noções consagradas. Movimento é uma expressão recorrente neste contexto e serve para caracterizar o que seria o *queer*, “um momento, um movimento, um motivo contínuo – recorrente, vertiginoso, perturbador” (*apud* Salih, 2012: 19).

Vimos buscando examinar os paradoxos implicados na eventual aproximação entre o pensamento *queer*, intrinsecamente subversivo, provocador, instável e desobediente, e o teatro – o campo no qual operamos – para apostar na possibilidade dessa conexão e recuperar o *queer* não como uma teoria que lembraria sistematização e estrutura, mas como um conjunto de saberes e como disposição política. Os estudiosos *queer* tem repetido que esses estudos juntamente com outros contemporâneos vem promovendo novas políticas de conhecimento cultural levantando questões inusitadas a partir de perspectivas inéditas. Os estudos feministas, gueis, lésbicos e *queer* vem promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. São transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento.

Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, da Educação, das Artes, as chamadas minorias se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas a partir de suas experiências, de suas histórias e suas práticas; noções consagradas de ética e de estética são perturbadas. Áreas e temáticas consideradas, até então, pouco dignas de ocupar o espaço e o tempo dos sérios acadêmicos passam a ser objeto de centros universitários e núcleos de pesquisa. Sobre o mundo do privado e do doméstico; sobre as muitas formas de viver o feminino e o masculino, a família, as relações amorosas, a maternidade e a paternidade; sobre o erotismo e o prazer, sobre a pornografia e as perversões fazem-se teses, escrevem-se livros, realizam-se seminários e cursos, encenam-se peças, performam. Investigar temáticas como essas implica, frequentemente, a utilização de outras estratégias e métodos de estudo e análise, é preciso reinventar técnicas de investigação, valorizar fontes, sujeitos, práticas, espaços até então desprezados. Privilegia-se, agora, a desconstrução como forma de análise. Estreitamente articulados às práticas e às experiências cotidianas, às lutas e aos desejos recusados, esses saberes são dinâmicos, instáveis, despudoradamente políticos. Referidos às histórias das chamadas minorias, costumam ser irreverentes e malcomportados e ousam perturbar paradigmas consagrados.

Aqui, portanto, já encontramos elementos para argumentar que esses estudos tem tido algum impacto sobre a cultura, pelo menos no âmbito da pesquisa e instituições de ensino superior. No Brasil, já não são poucos os núcleos e grupos vinculados a instituições acadêmicas ou a outros centros de estudo que buscam de algum



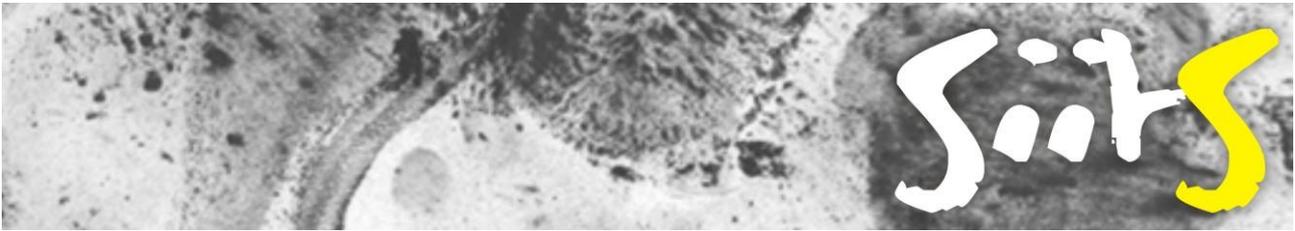
modo se apropriar desses saberes ou que ensaiam aproximações e parcerias com grupos militantes. Muito pelo contrário, esses núcleos vem se multiplicando. Os caminhos ou as estratégias de ação são distintos, mas é preciso reconhecer que essas iniciativas, ainda que localizadas e pontuais, vem produzindo alguns efeitos e, se esses saberes contemporâneos tem provocado alguns efeitos, ainda que minoritários ou localizados, eles não são desprezíveis.

Afirmamos que percebíamos paradoxos na aproximação entre o pensamento *queer* e o teatro, mas deixamos de mencionar ainda outro elemento que complica a conexão: se, de um lado, o *queer* privilegia estratégias desconstrutivas, o teatro, por outro, adota a prescrição. Dito assim, imediatamente se coloca uma demanda: como se aplica esse pensamento ou essas ideias na prática teatral? O que podemos fazer com o *queer* em cena? Como é que o *queer* pode entrar na construção teatral contemporânea?

Não são questões desprezíveis. Elas vem da urgência do cotidiano e representam, usualmente, um desejo genuíno de por em prática as novas ideias, de promover mudanças que respondam de modo mais efetivo às dúvidas e ansiedades do artista. E, na ânsia de por em ação o que parece (e é) tão desestabilizador, corre-se o risco de sistematizar o *queer*. O caráter subversivo e irreverente é domesticado, de forma a se ajustar de algum modo a uma organização anterior e sólida.

O que nos parece que está em questão aqui é como compreendemos o *queer*: Como mais um tipo de sujeito? Como uma espécie de identidade ampla no interior da qual se abrigariam, como num guarda-chuva, todos não heterossexuais? Ou como um movimento, uma disposição existencial e política que supõe a ambiguidade, o não lugar, o trânsito? Inclínamos a pensar o *queer* como um movimento pós-identitário em que enfatizamos mais as práticas do que as identidades e questionamos os binarismos sobre os quais se assenta o saber e a cultura dominantes. Em outras palavras, antes de se propor como uma nova identidade e buscar integrar-se ao conjunto da sociedade, o *queer* pode representar o questionamento e a crítica desconstrutiva das normas, da lógica e dos arranjos sociais vigentes.

Se for assim, o *queer* entraria na produção teatral como um movimento ou uma tendência para estranhá-la, quer dizer, para provocar mudanças mais radicais no modo de conceber o conhecimento, o sujeito dele e a própria prática teatral. Talvez a potencialidade *queer* esteja na disposição para a incerteza, para o improviso e para o movimento.



5º SIMPÓSIO IMAGEM E IDENTIDADE E TERRITÓRIO | MACEIÓ | 28, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT

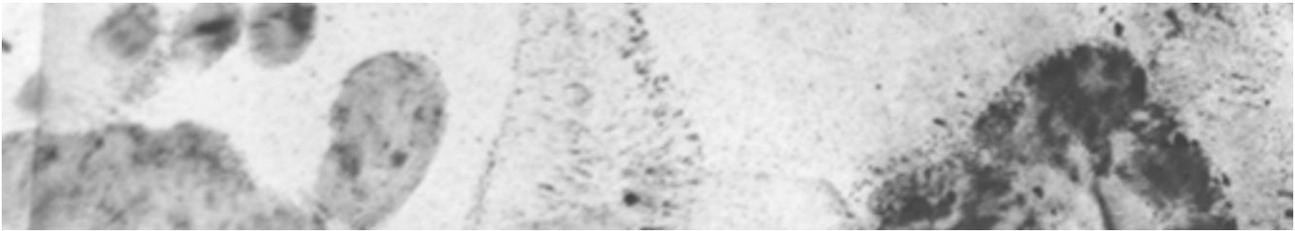
A leitura e análise da literatura produzida pelos Saberes Subalternos em torno das práticas e experiências ditas abjetas se dará, por fim, em função de três eixos críticos:

1. Em primeiro lugar, procuraremos destacar os aspectos morais da discussão teórica e cultural sobre a abjeção.
2. Em segundo lugar, procuraremos investigar em que medida a discussão sobre a abjeção se articula ao estabelecimento ou não de uma visão política do que é o humano e dos seus limites.
3. Por fim, procuraremos explorar o lugar que a categoria de *corpos abjetos* ocupa nessa articulação entre a teoria e o estabelecimento de uma visão política para a cena teatral.

Como forma de historiar e entender como surgiu a ideia do espetáculo *Coral: uma etno(cena)grafia* é importante ligar o acontecimento artístico ao político. A pergunta que nos guiou nesse trabalho foi o que você precisa para modificar a estrutura do desejo? E para responder essa questão um *ataque* de conhecimento subalterno, um pouco do pensamento feminista, da teoria queer e do pensamento pós-colonial.

O título veio inspirado no artigo “Objetos verbais não identificados”, de Flora Sussekind para o “Jornal O Globo”. Nele a autora diz que “autores que trabalham com ‘formas corais’, em obras onde se cruzam falas, ruídos e gêneros, conectam-se a uma linhagem instabilizadora da literatura brasileira e à produção recente de cinema, teatro e artes plásticas. Assim, contrapõem-se a movimentos atuais de reafirmação de poéticas tradicionais e de reforço ao que pesa no mercado” (SUSSEKIND, 2013, 01).

Coral: uma etno (cena) grafia, então, passou a pensar sobre o processo de formação das identidades e especificamente das heterossexuais. Depois da experiência com *O diário de Genet* e da consolidação da ATeliê voadOR Companhia de Teatro e suas encenações e pesquisas em torno da proposta de se pensar sobre as formas de captura e ressignificação dos corpos, seja em sua materialidade apropriada pelas instituições/discursos/práticas/efeitos, inclusive políticos, seja nas suas possibilidades de expressão artística e subjetiva, *Coral: uma etno(cena)grafia* é um processo importante na carreira da Companhia e, trata, sem dúvidas, de um processo de criação artística coletiva auxiliada por questões teóricas, estéticas e políticas identitárias ligadas à desconstrução, não como sinônimo de desfazer, demolir ou destruir algo, tais como, ideias, conceitos, posições, princípios, finalidades, meios e conclusões. Mas, desconstruir como uma leitura que quer revogar a probabilidade da existência de um centro, de um lugar privilegiado, promovendo um descentramento capaz de reverter, desestabilizar e desordenar os pares binários. (LOURO, 2008).



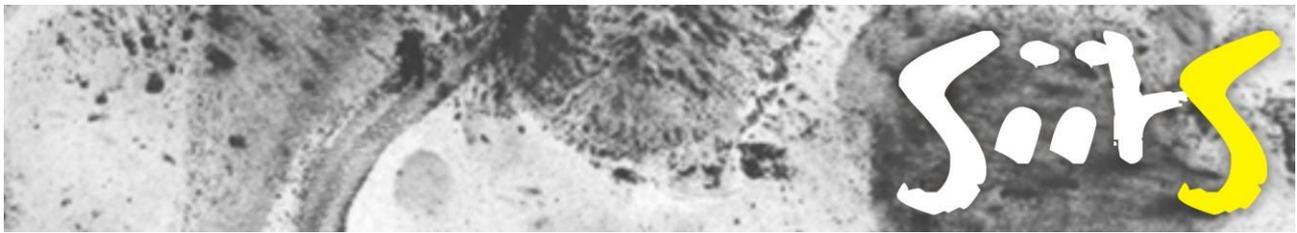
Assim, desconstruir o discurso em torno dos estudos de gênero implicaria em “minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma. [...] Portanto, ao se eleger a desconstrução como procedimento metodológico, está se indicado um modo de questionar ou analisar” (LOURO, 2008, p.42), por isso, *Coral* trata das identidades masculinas compreendendo-as como construções, efeitos, processo de produção, como relação, atos performativos; adjetiva-as como sendo instáveis, contraditórias, fragmentadas, inconstantes, inacabadas. Ainda diz que as identidades estão ligadas aos sistemas de representação e possuem estreitas conexões com relações de poder.

Para Guacira Lopes Louro,

os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem viver seus desejos e prazeres corporais de muitos. Suas identidades sexuais se constituíram, pois através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero. [...] O que importa aqui considerar é que - tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (LOURO, 1997, p.26-27).

Ainda segundo Louro (2001, p. 11), “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais de poder, elas são produzidas pelas redes de poder de uma sociedade”. As identidades de gênero, portanto, remetem-nos para várias maneiras de viver a masculinidade ou a feminilidade, ou seja, as identidades de gênero não são simplesmente herdadas ou reproduzidas pelas instituições, “se performatiza gênero” diariamente, através do sentimento de pertencimento, das representações e dos posicionamentos político nos diversos espaços pelos quais transitamos e aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.

Dessa forma, frente às complexas interfaces socioculturais no interior dos processos semióticos das produções e representações das identidades, *Coral* nos faz enxergar que os paradigmas hegemônicos pautados na heteronormatividade mostram-se falhos e inadequados e fazem emergir inúmeras reivindicações de diferentes sujeitos ou movimentos, cujo ideal de justiça deixa de significar somente a busca pela igualdade, mas, primordialmente, a busca pelo respeito à diferença e a diversidade no âmbito cultural. Desse modo, são nessas reivindicações que as várias identidades em crise entrecruzam-se para impulsionar a ruptura com os padrões de reflexões que vinham funcionando como parâmetro legítimo e evidenciam, as



5º SIMPÓSIO IMAGEM E IDENTIDADE E TERRITÓRIO | MACEIÓ | 28, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT

masculinidades compreendidas numa dinâmica de gênero como compostas, não apenas de instâncias e instituições culturais, mas de símbolos e representações. Masculinidade é discurso, um modo de produzir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a percepção que temos de nós mesmos.

É mister referendar, então, que as masculinidades são uma categoria discursiva e não um categoria biológica, funcionalista, construtivista ou psicológica. Nesse contexto da cultura e poder, focar o processo de materialidade dos corpos e as performances de masculinidades, no campo estudos culturais e teoria queer, urge inventariarmos aspectos da construção da teoria do gênero centrada na masculinidade.

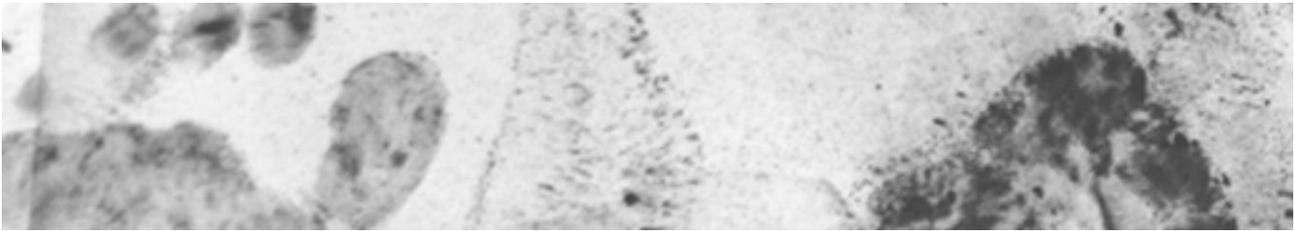
A partir de então, nossa reflexão se filia a noção de que o gênero não existe em si, sendo uma representação que ganha concretude na vivência cotidiana das pessoas. Gênero constantemente construído, mas também desconstruído por atos repetidos cotidianamente, fluído e performático. É dessa maneira que *Coral* denuncia que as masculinidades não podem ser concebidas fora da dinâmica social e cultural implicada nas relações de poder e aponta que é possível imaginar múltiplas possibilidades de produções de masculinidades, inclusive masculinidade sem homens (CONNEL, 1995).

A partir das contribuições de Connell (1995), a masculinidade hegemônica está implicada em relações de poder com outras formas de masculinidades, a saber: masculinidade cúmplice, masculinidade subordinada e masculinidade marginal.

A masculinidade cúmplice é àquela que possui uma cumplicidade com o projeto hegemônico. Como afirma Silva e Ornat (2011, p.33), “é aquela vivida pela maioria dos homens que dificilmente vivem o ideal de masculinidade, mas que, em geral, tiram proveito do fato de serem homens em uma sociedade patriarcal”.

A masculinidade subordinada é aquela que está mais associada à feminilidade. Este modelo de masculinidade possui como seus principais atributos a fragilidade e a inferioridade sendo, pois, vítima da homofobia. Assim, as masculinidades subordinadas “são aquelas experienciadas pela via da orientação sexual, em que a orientação homoafetiva é oprimida pela violência legal e física daqueles que estão posicionados no grupo hegemônico de homens”. (SILVA e ORNAT, 2011, p.33).

A masculinidade marginal, de acordo com Silva e Ornat (2011, p.33), “é aquela que se baseia na combinação do gênero e os elementos de classe e raça/etnia, constituindo hierarquias entre diferentes grupos de homens, associados ao poder aquisitivo e à cor da pele”. Em outros termos, são as masculinidades associadas



as relações a cerca de raça e classe social, cujo contexto reverbera nas questões que estão implicadas no status social.

Além disso, outra forma de masculinidade pode está associada à noção de masculinidade concebida no plural, masculinidades definidas por meio de diferenças e contradições de todos os tipos, cuja masculinidade dominante branca é atravessada por outras masculinidades: gays, bissexuais, negras, asiáticas e latinas, etc. Neste sentido, emerge a noção de masculinidade feminina que está associada à supressão das categorias convencionais de subjetividades de gênero, isto é, a masculinidade feminina como uma posição de sujeito estranho (*queer*) que possa desafiar com sucesso os modelos hegemônicos que determinam como dever ser o gênero (HALBERSTAM, 2008). Masculinidade feminina pensada como uma masculinidade sem homem, “que destaque sus múltiples formas, pero también deseo reivindicar nuevas y auto-conscientes producciones de diversas taxonomías sobre el género” (HALBERSTAM, 2008, p.31).

É nesse sentido, nessa operação que a *cena coral* utiliza o abjeto para discutir a (des)construção da heterossexualidade a partir da existência de outras masculinidades. O *masculino coral* ameaçaria a heterossexualidade hegemônica a partir da sua *permeabilidade* (THÜRLER, 2011b).

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. A sociedade como relato: Antropologia e estética da Iminência. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: EdUSP, 2012.

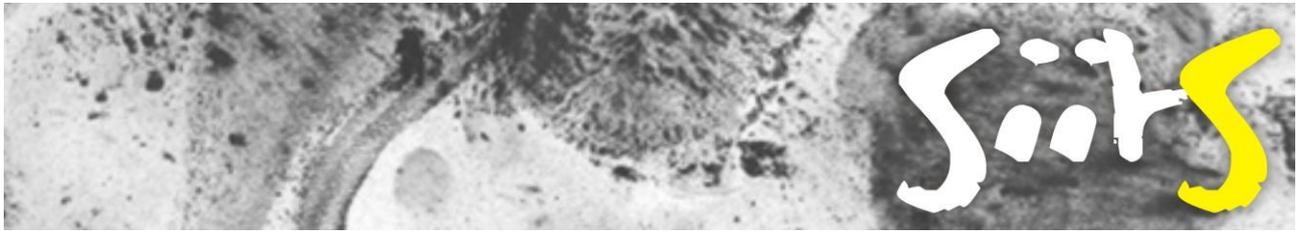
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. 212ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza

HALBERSTAM, Judith. **Uma introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres**. In: HALBERSTAM, Judith. *Masculinidad Femenina*. Trad. Javier Sáez, Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008, p. 23-66.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.



5º SIMPÓSIO IMAGEM E IDENTIDADE E TERRITÓRIO | MACEIÓ | 28, 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2015 | CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL | UNIT

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2001, p. 7 - 34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1ª ed. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2008.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SUSSEKIND, Flora. **Objetos verbais não-identificados**. Rio de Janeiro, *Jornal O Globo*, 2013.

SUTHERLAND, Juan Pablo. *Nación Marica. Prácticas Culturales e Crítica Activista*. Santiago: Ripio Ediciones, 2009.

SUTHERLAND, Juan Pablo. Os efeitos político-culturais da tradução do queer na América Latina. *Revista Periódicus. Revista de estudos interdisciplinares em Gênero e Sexualidades*, Salvador/BA, Vol 1, n. 1, maio/outubro, 2014.

THÜRLER, Djalma. **Dzi Croquettes: Uma política queer de atravessamentos entre o real e o teatral**. In: *Congreso Iberoamericano de Masculinidades y Equidad: Investigación y Activismo*, 2011, Barcelona. (TRANS)FORMANDO LA MASCULINIDAD: DE LA TEORÍA A LA ACCIÓN, 2011.

_____. **Shortbus: um diálogo entre o corpo e a cidade - aspectos da subcultura (homo)erótica ou um pau duro não acredita em Deus!**. In: Cosme dos Santos Batista; Paulo César Souza Garia; Roberto Henrique Seidel. (Org.). *Crítica cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. 01ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011b.

_____. **Masculinidade Precária**. Dossiê Minorias e suas representações. *Revista de Artes e Humanidades*, n.º 8, Maio-Outubro. São Paulo: UFABC, 2011c.

_____. **Coral: uma etno(cena)grafia**. Dramaturgia inédita. Salvador: Mimeo, 2014.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** Petrópolis: Vozes, 2009.